

# A pergunta no gênero entrevista com presidenciável: *articulando gramática, texto e contexto*

*The question in the genre interview with  
presidential candidate: articulating  
grammar, text and context*

Gustavo Ximenes CUNHA

Universidade Federal de Minas Gerais  
CNPq  
ximenesacunha@yahoo.com.br



**Resumo:** Adotando o pressuposto segundo o qual gramática, texto e contexto são indissociáveis, propomos um estudo sobre a pergunta no gênero entrevista com presidenciável. Centrando-se no estudo da linguagem verbal, analisamos as perguntas realizadas pelos entrevistadores na entrevista concedida pelo então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal Nacional, da Rede Globo, em 25 de agosto de 2022. Nosso objetivo central é o de estudar as funções que as perguntas realizadas pelos entrevistadores exercem nessa entrevista. Com base em contribuições teóricas de perspectivas funcionalistas e interacionistas, constatou-se que os entrevistadores, nas 34 perguntas identificadas, realizam dois tipos de perguntas: as que iniciam trocas e as que não iniciam trocas. As que iniciam trocas apresentam uma complexidade elevada, em razão do fato de que, nos turnos em que ocorrem, o jornalista alcança a completude pragmática por etapas, como explicação do tópico, desenvolvimento do tópico e, finalmente, realização da pergunta. Já as perguntas que não iniciam trocas constituem reformulações da pergunta inicial, aquela com que o jornalista iniciou a troca. Essas perguntas caracterizam-se por apresentar uma concentração elevada de recursos verbais com que o jornalista assume uma postura antagônica em relação ao entrevistado e reivindica uma primazia epistêmica em relação a este.

**Palavras-chave:** pergunta; entrevista com presidenciável; interação.

**Abstract:** Adopting the assumption that grammar, text and context are inseparable, we studied the question in the interview genre with a presidential candidate. Focusing on verbal language, this study analyzes the questions asked by the interviewers in the interview given by the then presidential candidate, Luiz Inácio Lula da Silva, to Jornal Nacional, from Rede Globo, on August 25, 2022. Our main objective is to study the functions that interviewers' questions play in this interview. Based on the theoretical contributions of functionalist and interactionist perspectives, it was found that the interviewers, in the 34 questions identified, ask two types of questions: those that initiate exchanges and those that do not initiate exchanges. Those that initiate exchanges are highly complex, due to the fact that, in the turns in which they occur, pragmatic completion is achieved in stages, such as explaining the topic, developing the topic and, finally, asking the question. The questions that do not initiate exchanges are reformulations of the initial question, the one with which the journalist initiated the exchange. These questions are characterized by having a high concentration of verbal resources with which the journalist assumes an antagonistic posture in relation to the interviewee and claims an epistemic primacy in relation to the interviewee.

**Keywords:** question; interview with presidential candidate; interaction.



## 1 INTRODUÇÃO

Em mais de cinco décadas de uma carreira dedicada ao ensino e à pesquisa linguística, a professora e pesquisadora Maria Beatriz Nascimento Decat tem dado importantes contribuições para a superação de uma visão restrita e normativa de gramática segundo a qual esta corresponderia a um rol estático de regras e construções que o sujeito deve usar para bem falar e escrever. Adotando a perspectiva funcionalista dos estudos da linguagem, da qual é uma das principais representantes no Brasil, Decat, mesmo no estudo de aspectos da sintaxe da língua, entende que o horizonte da análise linguística precisa ultrapassar o nível da sentença, já que “a forma assumida por uma palavra ou expressão é reflexo de sua função num contexto de uso particular” (DECAT, 1999, p. 213). Mais que isso, entende a autora (2008), a partir de Hopper (1988), que a gramática é provisória e incompleta, porque emerge do discurso.

Porque adota essas premissas funcionalistas em seus estudos sobre a língua em uso, Decat promove estimulantes aproximações de abordagens funcionalistas, como a Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday, e a Teoria da Estrutura Retórica dos Textos, de Mann e Thompson, com outras perspectivas teóricas que também concebem a língua em uso, a interação e o texto enquanto objetos legítimos de investigação científica, a exemplo da Linguística Textual (DECAT, 2008, 2010, 2011, 2012, 2019) ou da Pragmática do Discurso (CUNHA; DECAT, 2021). Em razão dessas aproximações, nascidas de uma reflexão consistente acerca dos limites de abordagens de viés tradicional (normativo) ou gerativista para o estudo da sintaxe, Decat (cf. 2010, 2011) tem demonstrado que a explicação seja para fatos de língua, como a articulação de orações, seja para a estruturação textual por meio de relações retóricas demanda a consideração do contexto de produção do texto, dos propósitos comunicativos do falante ou autor, do gênero textual selecionado por este, etc. Em suma, a pesquisa de Decat sobre a língua em uso tem constituído uma vigorosa demonstração de que a língua, mais do que sistema arbitrário de signos, conjunto de regras para bem falar e escrever ou sistema de representação mental (cf. CASTILHO, 2010), é meio de comunicação e interação (DECAT, 2011).

Seguindo perspectiva semelhante, para a qual gramática, texto e contexto são elementos indissociáveis na interação, propomos neste trabalho um estudo sobre a pergunta no gênero entrevista com presidenciável. Partimos da hipótese de que, nas entrevistas promovidas por emissoras de televisão com candidatos à presidência da República, o contexto, seja aquele mais amplo das expectativas sócio-históricas acerca do papel dos entrevistadores (jornalistas) no trato com figuras políticas, seja

o relativo ao próprio desenrolar da interação entre entrevistadores e entrevistados fazendo de cada turno o contexto para o turno seguinte, impacta tanto a seleção das ações realizadas nas entrevistas, dentre as quais a pergunta, quanto o modo como elas se materializam por meio das linguagens verbal e não-verbal.

Essa hipótese se assenta nas evidências trazidas por estudos sobre a pergunta (ou o ato de perguntar) que investigaram o fenômeno em outros contextos institucionais, como debates eleitorais (BLAS ARROYO, 2010), interrogatório policial (KONRAD; OSTERMANN, 2020), *call center* ambulatorial (MONZONI, 2008), sala de aula (BOISSAT, 1991; SILVA, 2003), entrevistas (CLAYMAN, 1993), coletivas de imprensa (CLAYMAN; HERITAGE, 2009, 2022), e que revelaram a necessidade de, para uma adequada compreensão desse fenômeno, se articularem informações de natureza não apenas sintática, mas também semântica, pragmática (contextual) e prosódica. Assim, é somente quando se articulam gramática, texto e contexto que se pode apreender a complexidade desse ato, para o qual se mostra inútil qualquer tentativa de estabelecimento de uma relação biunívoca entre forma e função.

Afinal, se, de um lado, o ato de perguntar (ou de tentar obter informações) prescinde da construção interrogativa, de outro essa mesma construção pode ser usada para comunicar informações de que o locutor já dispõe ou para realizar outras ações, como ameaçar, criticar, intimidar, elogiar, etc. (HERITAGE, 2012, 2013; HERITAGE; RAYMOND, 2005). Como observa Blas Arroyo (2010, p. 677),

o ato de perguntar quase nunca é inocente, e o número de atos comunicativos que os falantes podem desenvolver mediante sua realização é muito vasto: desde os mais neutros e inocentes (pedidos, convites, esclarecimentos, etc.) até outros nos quais o conflito e a dissensão entre os participantes constituem a norma (ARROYO, 2010, p.677).

A complexidade e a multifuncionalidade do fenômeno em contextos institucionais diversos justificam, assim, o estudo de como ele emerge nas entrevistas com presidenciáveis, as quais, nos últimos tempos, têm ganhado importância crescente nas eleições brasileiras.

Centrando-se no estudo da linguagem verbal, este trabalho focaliza as perguntas realizadas pelos entrevistadores (jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos) na entrevista concedida pelo então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal Nacional, da Rede Globo, em 25 de agosto de 2022. Nosso objetivo central é o de estudar as funções que essas perguntas exercem na entrevista. Para

isso, analisamos o modo como os jornalistas constroem os turnos em que fazem as perguntas, articulando constituintes textuais, ativando tópicos e os atribuindo a determinadas fontes de conhecimento, bem como o impacto que exercem para o desenvolvimento da interação.

A relevância deste estudo está, portanto, em contribuir para evidenciar que, assim como ocorre nos contextos institucionais mencionados anteriormente, a pergunta, nas entrevistas com presidenciáveis, é uma ação fortemente articulada aos propósitos comunicativos dos interlocutores. Mais do que simples procedimento para obtenção de informações, a pergunta, nesse contexto, exerce papel importante na negociação e definição do próprio contexto, permitindo aos interlocutores revelarem o que esperam uns dos outros em termos de ações preferidas e despreferidas e como avaliam os comportamentos recíprocos.

Para realizar esse estudo, apresentamos, inicialmente, o arcabouço teórico com base no qual o estudo será feito e que reúne contribuições de perspectivas teóricas que, embora situadas em horizontes teóricos distintos, analisam a pergunta de um ponto de vista funcional e interacionista. Em seguida, tratamos de questões metodológicas relacionadas à seleção do *corpus* e ao percurso de análise. Por fim, apresentamos os resultados das análises.

## 2 O ESTUDO DA PERGUNTA EM PERSPECTIVAS FUNCIONAIS E INTERACIONISTAS

A pergunta tem sido objeto de estudo em diversas perspectivas teóricas (cf. KERBRAT-ORECCHIONI, 1991; BLAS ARROYO, 2010). Neste item, realizaremos uma breve apresentação de três abordagens que, ao estudarem a pergunta, a concebem como um fenômeno essencialmente funcional e interacional: a Análise da Conversa de orientação etnometodológica, com especial atenção aos estudos de Heritage sobre a dimensão epistêmica (HERITAGE, 2012, 2013, HERITAGE; RAYMOND, 2005) e aos estudos de Clayman e Heritage (2009, 2022) sobre perguntas feitas a presidentes dos Estados Unidos em coletivas de imprensa; a Linguística Textual, especificamente trabalhos realizados pelo grupo da organização textual-interativa (projeto “Gramática do Português Falado”) sobre o par pergunta-resposta (URBANO *et al.*, 1993; FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006); o Funcionalismo, com foco em estudos que propõem uma interface com a Análise da Conversa (OCHS; SCHEGLOFF; THOMPSON, 1996; FORD; FOX; THOMPSON, 1996) ou que investigam a pergunta em língua portuguesa (SANTOS, 2017). A constituição desse arcabouço teórico permitirá, assim, alcançar nosso objetivo central, que, como informado na

introdução, é o de estudar as funções que as perguntas realizadas pelos entrevistadores exercem na entrevista selecionada.

No âmbito da Análise da Conversa de orientação etnometodológica, subjaz ao estudo da dimensão epistêmica da interação (ou da episteme-em-interação) o pressuposto de que os estados de conhecimento dos interlocutores constituem um componente da interação, mais do que um fenômeno cognitivo inerente ao locutor (DREW, 2018). Afinal, ao longo da interação, cada locutor expressa conhecimentos na forma de afirmações, reivindica um saber sobre determinado subdomínio conceitual, evidencia saber mais ou menos do que o interlocutor, reconhece a primazia deste ou de terceiros na abordagem de dado subdomínio conceitual, colabora com o interlocutor na definição de determinado referente (ou objeto de discurso), contesta as afirmações feitas pelo interlocutor, etc. (HERITAGE, 2012, 2013) Em outros termos, a Análise da Conversa, no estudo da episteme-em-interação, focaliza:

a natureza pública do conhecimento, das atribuições e das reivindicações de conhecimento – não conhecimento como um estado privado e cognitivo dos indivíduos, mas sujeito às organizações sociais, aos direitos, às obrigações e às distribuições de conhecimento de acordo com tipos ou categorias de pessoas (o que médicos sabem, o que mulheres sabem, o que camponeses sabem, quem deve saber/ser informado primeiro) (DREW, 2018, p. 164-165).

Na perspectiva da Análise da Conversa, mais especificamente na de Heritage (2012, 2013, HERITAGE; RAYMOND, 2005), perguntar é uma ação social que permite ao locutor evidenciar que determinada informação pertence não ao seu domínio ou território epistêmico, mas ao do interlocutor. Ao fazer uma pergunta, o locutor revela seu acesso relativo a determinado domínio de conhecimento (i.e., seu status epistêmico) e, em seu turno, materializa esse acesso relativo por meio do modo como gramaticalmente pede informação, assumindo, assim, uma postura epistêmica. Na interação, é o status epistêmico que permite avaliar se, em seu turno, o locutor pede ou dá informação, já que a ação de pedir informação pode se materializar tanto na construção interrogativa, quanto na afirmativa (HERITAGE, 2012, 2013).

Contudo, em estudo sobre as perguntas feitas por jornalistas a presidentes dos Estados Unidos em gênero próximo ao focalizado neste trabalho (coletivas de imprensa), observam Clayman e Heritage (2009, 2022) que a pergunta, longe de constituir um recurso neutro usado por alguém para obter informações que não detém, pode ser formulada segundo dois modos distintos. Há perguntas que são polidas, cuidadosas e deferenciais e

aquelas que são vigorosas, agressivas e antagônicas (*adversarial*). Uma vez que as perguntas do segundo tipo são recorrentes no contexto de coletivas de imprensa com presidentes, Clayman e Heritage (2009, p. 304) as estudam de modo mais detalhado, observando que elas se caracterizam por cinco dimensões:

- a) Iniciativa (*initiative*): relaciona-se à coragem ou ao arrojo do jornalista na realização da pergunta;
- b) Diretude (*directness*): relaciona-se à natureza mais ou menos grosseira da pergunta;
- c) Assertividade (*assertiveness*): relaciona-se à busca por uma resposta precisa e à natureza opinativa da pergunta;
- d) Antagonismo (*adversarialness*): relaciona-se ao fato de a pergunta abordar tópicos desfavoráveis ou em oposição ao presidente e à sua administração;
- e) Responsabilidade (*accountability*): relaciona-se ao fato de a pergunta ser formulada de modo a levar o presidente a justificar suas políticas e ações.

Sem entrar em maiores detalhes (cf. CLAYMAN; HERITAGE, 2009), essas dimensões impactam a forma dos turnos em que as perguntas são feitas. Por exemplo, a iniciativa se manifesta quando um mesmo turno é formado por várias perguntas, enquanto o antagonismo se manifesta em turnos em que a pergunta é antecedida por prefácio com críticas explícitas ao presidente ou à sua administração, críticas que constituem um pressuposto ou um fundamento pressuposicional (*presuppositional foundation*) para a pergunta (CLAYMAN; HERITAGE, 2009). Como observam os autores, “longe de ser neutro, o prefácio favorece de forma assertiva a resposta *sim*, pressionando, desse modo, o presidente a se alinhar ao ponto de vista do adversário, ponto de vista que a pergunta incorpora” (CLAYMAN; HERITAGE, 2009, p. 302).

Aproximando-se dos estudos da Análise da Conversa, mas, em especial, dos estudos clássicos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) e dos de Mondada (2005, MONDADA; DUBOIS, 2003), a Linguística Textual desenvolvida no Brasil tem dado importantes contribuições para a compreensão dos processos envolvidos na construção do texto falado, tais como a construção das cadeias referenciais, a organização tópica, a progressão textual (referencial), o uso dos marcadores discursivos, reparos, hesitações, repetições, etc. (cf. JUBRAN; KOCH, 2006). Na Linguística Textual, em consonância com a Análise da Conversa, o estudo da pergunta se faz no exame do par adjacente pergunta e resposta. Entende-se que esse par é essencial para a coerência do texto falado, na medida em que ele está



diretamente relacionado à organização tópica do diálogo. No que se refere especificamente à pergunta, ela constitui um fator determinante para a compreensão da troca que inicia. Por isso, Fávero, Andrade e Aquino (2006) se baseiam na natureza formal e funcional da pergunta para propor uma tipologia do par pergunta e resposta, que aqui sumaremos brevemente.

Para as autoras, o par pergunta e resposta pode ser categorizado (i) quanto à função que exerce na organização tópica, (ii) quanto à natureza do par dialógico e (iii) quanto à estrutura da pergunta (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006). No que se refere à organização tópica, a pergunta pode introduzir um tópico, dar continuidade a um tópico em curso, reintroduzir tópico anteriormente abordado ou mudar de tópico. Sobre a natureza do par pergunta e resposta, esta se assenta, na verdade, na ação que o locutor realiza por meio da pergunta, que pode ser usada por este para pedir informação, confirmação ou esclarecimento. Quanto à estrutura da pergunta, esta pode ser fechada (de sim ou não), aberta (sobre algo) ou retórica (o locutor conhece a resposta).

Também buscando estabelecer uma interface com a Análise da Conversa de orientação etnometodológica, os estudos funcionalistas que se ocupam da troca como objeto de análise buscam identificar, dentre outros aspectos, o papel da sintaxe no sistema de organização dos turnos (cf. FORD; FOX; THOMPSON, 1996; OCHS; SCHEGLOFF; THOMPSON, 1996; FOX *et al.*, 2013). Parte-se da hipótese de que a sintaxe, fortemente articulada à semântica, à pragmática e à prosódia, corresponde a um conjunto de recursos que os interlocutores usam para (inter)agir.

Assim, por meio da sintaxe, o locutor não só seleciona unidades de construção do turno, mas indica ao interlocutor se o turno está em processo de construção, projeta o final do turno, sinalizando ao interlocutor o lugar relevante de transição, acrescenta novas unidades de construção, expandindo o turno e revelando, desse modo, ao interlocutor que ele ainda não cederá a palavra, indica os lugares em que uma construção colaborativa da sentença (co-enunciação) é possível, etc. O que constata esses estudos é a natureza altamente flexível da gramática, que, mais do que um conjunto fixo de regras e construções, constitui parte dos *métodos* (GARFINKEL, 2018[1967]) que os interlocutores usam para co-construir ações sociais distintas, como perguntar, responder, agradecer, convidar, informar, etc.

Nos estudos funcionalistas em interface com a Análise da Conversa, a investigação de como a gramática auxilia os interlocutores a realizarem ações sociais, dentre as quais a pergunta, atribui um papel central às noções de projeção e completude. Por projeção, entende-se:

o fato de que uma ação individual ou parte dela prenuncia uma outra. Para entender o que é projetado, os interactantes precisam de



algum tipo de conhecimento sobre como ações (ou componentes de ações) são tipicamente [...] sequenciadas, i.e., como cada uma segue a outra no tempo (AUER, 2005, p. 8).

Já a completude corresponde à ação do locutor de indicar, por meio de recursos sintáticos, semânticos, pragmáticos e prosódicos, um lugar relevante de transição, ou seja, o lugar em que o interlocutor pode tomar a palavra (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). Na realização de uma pergunta, o locutor pode se valer de diferentes recursos – como construções interrogativas típicas (quando x?, por que x?, quem x?) e a entonação ascendente típica das construções interrogativas (SANTOS, 2017) – para projetar a ação de perguntar, bem como indicar a completude dessa ação, possibilitando a realização subsequente da resposta.

Dentre os estudos funcionalistas que estudaram o par pergunta e resposta em língua portuguesa, destaca-se o de Santos (2017). Nesse estudo, define-se esse par com base em um contínuo de gramaticalização que focaliza o tipo de pergunta: “plena (PP) > semirretórica (PSM) > retórica (PR)” (p. 134). Conforme esse contínuo, na PP o locutor desconhece e espera a resposta; na PSR o locutor elabora a pergunta e ele mesmo a responde; na PR o locutor não espera a resposta. A pergunta prototípica, localizada no extremo esquerdo do contínuo (pergunta plena), caracteriza-se pelos traços “entonação ascendente” e “busca de resposta” e é classificada segundo o modo como é estruturada: “interrogativa focada, quando o escopo da dúvida recai sobre um termo; e interrogativa total, quando a codificação da dúvida recai sobre toda a proposição” (p. 138).

Nesse quadro, a pergunta retórica se subdivide em dois tipos: a clássica, “que funciona como estratégia de progressão textual por meio de articulação tópica” (p. 137), e a pergunta retórica “com estatuto de marcador discursivo” (“né?, entendeu?, certo?”, etc.), cujo objetivo é “testar o canal comunicativo ou pedir aquiescência do ouvinte para o que está sendo dito” (p. 137). Tendo em vista sua estrutura formada por asserção seguida de pergunta, esse segundo tipo de pergunta retórica permite ao locutor “pedir uma validação por parte do outro interactante” (FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021, p. 49). Mais especificamente:

Trata-se de declarações que, após o fornecimento de informações, colocam a polaridade da oração – e, portanto, sua validade – em questionamento, o que em algumas interações pode ser interpretado como, de fato, uma demanda de informação (FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021, p. 49).

Com base nas contribuições das perspectivas aqui brevemente apresentadas, este trabalho se ocupa das perguntas feitas pelos

entrevistadores (jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos) na entrevista concedida pelo então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal Nacional, da Rede Globo, em 25 de agosto de 2022, durante o primeiro turno das eleições presidenciais. Antes de expormos os resultados do estudo, apresentaremos informações de natureza metodológica sobre a composição do *corpus* e o percurso de análise seguido.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira etapa da pesquisa, cujo objetivo é estudar as funções que as perguntas realizadas pelos entrevistadores exercem em um exemplar do gênero entrevista com presidenciável, consistiu na seleção do *corpus*. A entrevista selecionada foi a concedida ao Jornal Nacional, da Rede Globo, pelo então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva. A entrevista ocorreu no dia 25 de agosto de 2022, no primeiro turno das eleições, e teve como entrevistadores os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos. A figura 1 apresenta uma visão global do estúdio onde ocorreu a entrevista e de seus participantes centrais.

Figura 1 – Estúdio Jornal Nacional



Fonte: Rede Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Alguns critérios guiaram a escolha dessa entrevista. Consideramos que as entrevistas com presidenciáveis promovidas pelo Jornal Nacional constituem um *corpus* relevante de análise, tendo em vista a importância que essas entrevistas têm ganhado nas últimas eleições, importância que pode ser informalmente mensurada por sua repercussão na mídia (rádio, televisão, jornais impressos e digitais) e em redes sociais, bem como pelo uso

que as equipes dos candidatos, apoiadores e adversários fazem de trechos delas ao longo da campanha. Essa importância também se reflete no termo (“sabatina”) usado na mídia para se referir a essas entrevistas e para criar o efeito de que esse é o momento da campanha em que os candidatos serão examinados ou arguidos<sup>1</sup>.

No primeiro turno das eleições de 2022, outros candidatos à presidência também foram entrevistados. Nossa decisão por analisar a entrevista concedida por Lula se deveu ao fato de que ele foi o candidato vitorioso nos dois turnos da eleição<sup>2</sup>. Cabe ressaltar ainda o índice expressivo de audiência dessa entrevista e, portanto, de alcance junto a amplas parcelas da população e não apenas a determinados segmentos sociais<sup>3</sup>.

Selecionada a entrevista, a etapa seguinte consistiu em sua coleta. A entrevista completa (vídeo e transcrição) está disponível para consulta no site do UOL<sup>4</sup>. Como a transcrição que está disponível no site não foi feita com fins de uso em pesquisa, ela foi por nós revisada com base na audição da entrevista completa. Nessa revisão, utilizamos as convenções de transcrição expostas no quadro 1.

Quadro 1 - Convenções de transcrição

Símbolo	Significado
MAIÚSCULA	Segmento acentuado
/	Entonação ascendente
\	Entonação descendente
+segmento+	Aumento do volume da fala
°segmento°	Diminuição do volume da fala
XX	Segmento incompreensível

<sup>1</sup> Na véspera da entrevista selecionada e no dia seguinte ao de sua realização, várias matérias tratavam da entrevista denominando-a “sabatina” ou usando o verbo “sabatar” para se referir às ações realizadas pelos entrevistadores. Apresentamos apenas dois exemplos: “Lula fala por 30 minutos durante **sabatina** no Jornal Nacional; Bolsonaro teve 24 minutos” (Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/breves/lula-fala-por-30-minutos-durante-sabatina-no-jornal-nacional-bolsonaro-teve-24-minutos/> Acesso em: 11 jan. 2023); “Lula no Jornal Nacional: TVGGN comenta **sabatina** ao vivo” (Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/lula-no-jornal-nacional-tvggn-comenta-sabatina-ao-vivo/> Acesso em: 11 jan. 2023).

<sup>2</sup> Lula venceu o primeiro turno com 48,43% dos votos e o segundo turno com 50,90% dos votos (1º turno: Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/apuracao/1turno/> Acesso em: 11 jan. 2023; 2º turno: Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/apuracao/2turno/> Acesso em: 11 jan. 2023).

<sup>3</sup> Durante a entrevista concedida por Lula, os números de audiência para a Grande São Paulo (considerado o maior mercado de televisão do país) foram estes: “A entrevista do ‘Jornal Nacional’ (TV Globo) com o candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na noite de ontem (25) hoje, rendeu 31,9 pontos de audiência na Grande São Paulo, termômetro do mercado e do ibope”. (...) “Ontem (25), no horário, o SBT ficou em segundo (6,7 pontos), seguido de RecordTV (6,6), Band (2,7) e RedeTV (0,2)”. (Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/08/25/com-sabatina-a-lula-jn-da-ibope-que-com-bolsonaro.htm> Acesso em: 11 jan. 2023.)

<sup>4</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/25/integra-jornal-nacional-entrevista-lula.htm> Acesso em: 11 jan. 2023.

(segmento)	Segmento cuja transcrição é incerta
:	Alongamento silábico
Segmen-	Truncamento
. . . . .	Pausas de duração variável
>	Relação de alocução (LOC1 > LOC2)
<u>Sublinhado</u>	Tomadas de fala em recobrimento
<item>	Reguladores verbais
((comentário))	Comentário do transcritor relativos a deslocamentos corporais, condutas gestuais ou ações não-verbais
[#1]	Índice remetendo à posição da imagem na transcrição

Fonte: Filliettaz (2018, p. 49).

Coletada a entrevista e revisada sua transcrição, iniciamos a análise das perguntas, análise que se realizou com base no arcabouço teórico apresentado no item anterior, arcabouço que se compõe de contribuições da Análise da Conversa de orientação etnometodológica, da Linguística Textual (grupo da organização textual-interativa - projeto “Gramática do Português Falado”) e do Funcionalismo.

Quanto às categorias de análise empregadas, interessam, em especial, as noções de dimensão epistêmica, status epistêmico e postura epistêmica, tal como concebidas no âmbito da Análise da Conversa sobretudo por Heritage (2012, 2013); as categorias de perguntas propostas por Clayman e Heritage (2009, 2022) – iniciativa, diretude, assertividade, antagonismo, responsabilidade; a tipologia formal e funcional do par pergunta e resposta proposta por Fávero, Andrade e Aquino (2006); as noções funcionais de projeção e completude (sintática, semântica, pragmática) (FORD; FOX; THOMPSON, 1996; OCHS; SCHEGLOFF; THOMPSON, 1996; AUER, 2005); e, por fim, o contínuo de gramaticalização que focaliza o tipo de pergunta: “plena (PP) > semirretórica (PSM) > retórica (PR)”, definido por Santos (2017, p. 134).

A análise se realizou ao longo de algumas etapas. A primeira consistiu na identificação de todas as perguntas feitas pelos jornalistas. Nessa entrevista, identificamos um total de 34 perguntas, das quais 16 (47%) foram realizadas por William Bonner e 18 (53%), por Renata Vasconcellos. Nos turnos que apresentavam mais de uma pergunta, cada pergunta foi contada separadamente, mesmo quando a pergunta seguinte constituía uma reformulação da anterior. Vale esclarecer que o entrevistado também realizou perguntas. Algumas foram semirretóricas (“o que que nós fizemos/

primeiro nós reduzimos a inflação para a meta”), enquanto outras foram abertas (ou plenas) e dirigidas a um dos jornalistas (“você acha que o mensalão que tanto se falou é mais grave do que o orçamento secreto”). Contudo, como este estudo focaliza as perguntas dos jornalistas, as perguntas realizadas pelo candidato não foram consideradas.

Em seguida, identificamos as perguntas dos jornalistas que iniciam trocas, ou seja, que tratam de um novo tópico, dando origem a um novo processo de negociação (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) entre os interlocutores. Nossa hipótese era a de que poderia haver diferenças de forma e função entre as perguntas que iniciam trocas e as que participam das trocas como intervenções intermediárias, iniciando, por exemplo, sequências laterais (SCHEGLOFF, 2007) ou trocas de clarificação (CUNHA, 2021).

A entrevista selecionada se compõe de oito trocas, que se iniciam com perguntas. Isso significa que a entrevista se estruturou informalmente em oito partes, cada uma iniciada por um turno cuja(s) pergunta(s) aborda(m) um tópico mais ou menos relacionado ao tópico tratado na troca anterior. E os tópicos ativados no turno inicial dessas trocas foram, nesta ordem: corrupção, escolha do Procurador-Geral da República, economia, governo Dilma, alianças políticas como causa de escândalos de corrupção, composição política pela governabilidade, agronegócio, política internacional. Dessas oito trocas, cinco foram iniciadas por William Bonner e três por Renata Vasconcellos.

Nos turnos iniciais das oito trocas, identificamos onze perguntas: seis turnos apresentaram uma pergunta cada, um turno apresentou duas perguntas e um turno apresentou três perguntas. As demais 23 perguntas situam-se no interior das trocas. E no interior de cada troca, apenas o jornalista que a iniciou fez perguntas. Portanto, ainda que o candidato olhasse para ambos os jornalistas ao longo de toda a entrevista, a elaboração de cada troca se deu de forma essencialmente dialogal, já que a tomada de palavra ocorreu forma alternada entre o candidato e um dos jornalistas.

A etapa seguinte da análise consistiu no estudo detalhado das ações realizadas pelos jornalistas na realização de cada pergunta. Esse estudo, que será apresentado no item a seguir, se fez de forma qualitativa e se iniciou pela análise dos oito turnos que iniciam trocas e continuou com o estudo das 23 perguntas que ocorreram no interior dessas trocas.

## 4 ESTUDO DAS PERGUNTAS CONSTANTES NA ENTREVISTA

Nas seções a seguir apresenta-se a análise qualitativa, conforme as perguntas iniciam ou não trocas.

### 4.1 Perguntas que iniciam trocas

Os turnos que iniciam trocas possuem uma estrutura complexa, porque, em sua elaboração, os entrevistadores não se limitam a realizar apenas a pergunta. Em sete dos oito turnos com que os entrevistadores iniciam trocas, estes realizam três ações. Primeiro, apresentam o tópico da pergunta. Ao agirem assim, eles evidenciam que definir os tópicos que serão abordados é parte de seu papel na interação (JUBRAN, 2000). Em seguida, trazem informações sobre esse tópico, revelando que essas informações fazem parte de seu domínio epistêmico. Por fim, fazem a pergunta, que surge como uma consequência das informações previamente apresentadas. É o que ilustra o excerto (01).

- (01) [William Bonner] vamos falar de economia então agora candidato\ todos os economistas atualmente estão dizendo que o próximo governo vai ser obrigado a lidar com uma bomba fiscal um desequilíbrio das contas públicas enorme\ o senhor não tem sido claro quando fala dos seus planos para a economia\ mas o senhor ao mesmo tempo tem feito promessas\ como é que o senhor pretende recuperar o equilíbrio das contas/

Nesse turno, o jornalista expressa o tópico da pergunta no primeiro enunciado (“vamos falar de economia então agora candidato”), que se caracteriza pelas completudes sintática, prosódica e semântica. Contudo, como o jornalista, com esse enunciado, inicia uma nova troca e como em entrevistas espera-se que novas trocas sejam iniciadas com perguntas (JUBRAN, 2000), esse enunciado não permitiria ao entrevistado reagir, respondendo. Por isso, ele não possui completude pragmática, não constituindo seu final um lugar de transição relevante. Com sua produção, o jornalista cria a expectativa de que ainda fará a pergunta.

Na sequência, o jornalista expressa, ao mesmo tempo, que informações sobre a economia fazem parte de seu domínio epistêmico e, por meio do marcador de evidencialidade *X diz que* (JACQUIN, 2022), que essas informações têm uma fonte autorizada, economistas: “todos os economistas atualmente estão dizendo que o próximo governo vai ser obrigado a lidar com uma bomba fiscal um desequilíbrio das contas públicas enorme”. Em seguida, expressa informações sobre o comportamento linguageiro do candidato durante a campanha, em relação à economia: “o



senhor não tem sido claro quando fala dos seus planos para a economia\mas o senhor ao mesmo tempo tem feito promessas\”. Esse trecho se compõe de duas unidades de construção do turno que se caracterizam pelas completudes sintática, prosódica e semântica. A primeira termina em “economia”, e a segunda, em “promessas”. Esses dois pontos do turno poderiam constituir lugares de transição relevante. Contudo, o candidato não toma a palavra em nenhum deles, já que, como nenhuma pergunta foi feita, a completude pragmática do turno ainda não foi alcançada.

Após a introdução de informações sobre economia, o jornalista faz a pergunta: “como é que o senhor pretende recuperar o equilíbrio das contas?”. Nesse momento, o jornalista assume uma postura epistêmica de menor conhecimento em relação ao interlocutor, já que as atitudes que o candidato pretende tomar, caso seja eleito, pertencem ao seu domínio epistêmico. Porém, como o jornalista faz a pergunta após expressar informações cuja fonte são economistas, seu desconhecimento recai apenas sobre o que o candidato pretende fazer (ou como pretende agir) e não sobre o tópico economia. Tanto é assim que a pergunta carrega como pressuposto as informações previamente atribuídas aos economistas, informações que, como é próprio dos pressupostos (DUCROT, 1987), não são colocadas pelo jornalista como objeto de questionamentos ou de discussão. Portanto, na construção desse turno, o jornalista não se apresenta como alguém que desconhece o tópico em discussão ou que atribui a primazia desse tópico ao interlocutor, mas apenas como alguém que desconhece como o candidato vai agir, caso seja eleito.

A complexidade estrutural desse turno evidencia que o alcance da completude pragmática da pergunta pelo entrevistador se faz por etapas, cada uma das quais exercendo uma função precisa em relação às demais. Evidencia ainda que nem sempre as completudes sintática, semântica, prosódica e pragmática se superpõem (SELTING, 1996). Ativando inicialmente o tópico, o locutor prepara o entrevistado para a pergunta. Em seguida, o locutor, ao trazer informações sobre o que economistas dizem sobre economia e sobre o comportamento linguageiro do candidato nessa área, justifica ou motiva a realização da pergunta e, ao mesmo tempo, evidencia que o tópico em questão faz parte do seu domínio epistêmico.

Assim elaborado, o turno traz restrições sobre a forma como a troca pode se desenvolver. O candidato, em sua resposta, que reproduzimos parcialmente abaixo, se atém aos procedimentos para “recuperar o equilíbrio das contas”, mas a inicia reivindicando uma primazia epistêmica sobre esse tópico, quando opõe, usando o mesmo marcador “X diz que”, o que dizem os economistas que o jornalista citou e os “meus economistas”:



“é que você não deve lembrar o que os meus economistas diziam para mim nas eleições de 2002”.

- (02) [Luiz Inácio Lula da Silva] Bonner é que você não deve lembrar o que os meus economistas diziam pra mim nas eleições de dois mil e dois\ naquela época o Brasil estava quebrado\ naquela época vocês lembram que o Brasil quebrou duas vezes no governo Fernando Henrique Cardoso/ [...] o que que nós fizemos/ primeiro nós reduzimos a inflação para a meta sabe/ que era quatro e meio durante todo o período de governo\ segundo nós reduzimos a dívida pública de sessenta ponto quatro por cento pra trinta e nova\ nós fizemos uma reserva de trezentos e setenta bilhões de dólares e nós ainda emprestamos quinze bilhões pro FMI\ não sei se está lembrado disso\ além do que/ nós fizemos a maior política de inclusão social que a história desse país conheceu\ é assim que nós vamos governar esse país\ (...)

Dos turnos que iniciam trocas, houve apenas um, reproduzido a seguir, em que o locutor realizou outras ações e não as três mencionadas:

- (03) [William Bonner] candidato o senhor está fazendo um discurso aqui muito claro em favor da negociação da composição política pela governabilidade\é do que se trata não é/ negociações no congresso\ nesse sentido o senhor acha que a militância do seu partido concorda com essa necessidade de composição política/ a minha pergunta é porque existe uma ala grande do seu partido que ainda não aceitou Geraldo Alckmin como o candidato a vice na sua chapa e tem hostilizado o seu candidato a vice\o que o senhor diria para esses militantes do PT que ainda se recusam a aceitar Alckmin/ depois das trocas de acusações pesadas que os senhores fizeram ao longo de alguns anos na política/

Nesse turno, o entrevistador faz três perguntas. A primeira surge na forma de uma “tag question” (“não é/”), por meio da qual, ao final de um segmento afirmativo e metadiscursivo, o locutor solicita ao entrevistador que confirme se seu discurso é “em favor da negociação da composição política pela governabilidade”. Após a “tag question”, tem-se um lugar relevante de transição, mas o jornalista expande o turno, fazendo uma precisão em relação ao tópico da pergunta: “negociações no congresso nesse sentido.” Após essa precisão, tem-se novo lugar relevante de transição.

Sem permitir que o candidato responda, o jornalista realiza uma pergunta fechada cujo tópico é a opinião de uma parcela do partido do candidato (Partido dos Trabalhadores - PT) sobre a necessidade da “composição política pela governabilidade”: “o senhor acha que a militância do seu partido concorda com essa necessidade de composição política/”. Ao final dessa pergunta, tem-se novo lugar de transição relevante. Mas, novamente, sem esperar a resposta do candidato, o jornalista realiza outro procedimento de expansão do turno, justificando sua pergunta: “a minha pergunta é por que existe uma ala grande do seu partido que ainda não aceitou Geraldo Alckmin como o candidato a vice na sua chapa e tem

hostilizado o seu candidato a vice\”. Após essa justificativa, tem-se novo lugar de transição relevante.

Repetindo o mesmo comportamento, o jornalista não permite ao candidato tomar a palavra e faz a derradeira pergunta do turno, dessa vez aberta, cujo tópico é a aceitação de Geraldo Alckmin<sup>5</sup> como vice do candidato por parte dos integrantes do PT: “o que o senhor diria para esses militantes do PT que ainda se recusam a aceitar Alckmin/ depois das trocas de acusações pesadas que os senhores fizeram ao longo de alguns anos na política?”. Verifica-se, assim, que, ao longo do turno, o jornalista modifica o tópico de uma pergunta para outra, indo de um mais geral (necessidade de composição política para governar) para um mais específico (aceitação de Geraldo Alckmin pelos militantes do PT). O recurso usado pelo jornalista para realizar essa ação é justapor as perguntas, sem permitir ao candidato tomar a palavra nos diferentes lugares de transição relevante.

Verifica-se, assim, a construção de um turno que se caracteriza por duas das dimensões apontadas por Clayman e Heritage (2009) na forma como jornalistas formulam perguntas direcionadas a presidentes: *iniciativa* (várias perguntas compondo um turno e revelando uma postura combativa do jornalista) e *antagonismo*, que se revela na passagem de um tópico ao outro, sendo a formulação da última pergunta a mais desfavorável ao candidato.

Pela resposta do candidato, este expressa ter compreendido que o interesse do entrevistador é focalizar a (não) aceitação de Alckmin pelo PT, já que esse é o tópico que o candidato desenvolve. Mais especificamente, o que Lula faz é reivindicar uma primazia epistêmica sobre o tópico, contestando o pressuposto da última pergunta feita por Bonner, pressuposto expresso na justificativa da pergunta anterior: “existe uma ala grande do seu partido que ainda não aceitou Geraldo Alckmin como o candidato a vice na sua chapa e tem hostilizado o seu candidato a vice\”.

(04) [Luiz Inácio Lula da Silva] Bonner nós não estamos vivendo no mesmo mundo\ eu estou até com ciúme do Alckmin\ você tem que ver que sujeito esperto e habilidoso\

[William Bonner] não tem vaias para ele muitas vezes/

[Luiz Inácio Lula da Silva] ele fez um discurso no dia sete de maio sabe/ quando ele foi apresentado oficialmente ao PT que eu fiquei com inveja\ ele foi aplaudido de pé\ pergunta para a esposa dele pra dona Lu que anda

<sup>5</sup> Candidato a vice-presidente de Lula em uma das chapas que disputaram as eleições presidenciais de 2022, Geraldo Alckmin foi um tradicional adversário do PT, no período em que esteve filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), tendo sido adversário de Lula na eleição à presidência da República de 2006. Para compor a chapa com Lula, Alckmin filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). (Disponível em: <https://exame.com/brasil/quem-e-geraldo-alkmin-conheca-o-vice-de-lula/>) Acesso em: 11 jan. 2023.)

com a Janja pra ver como ela está gostando da coisa\ o Alckmin já foi aceito pelo PT de corpo e alma sabe/ (...)

Nesse trecho, a pergunta do jornalista “não tem vaias para ele muitas vezes/” constitui uma retomada da terceira pergunta do turno que iniciou essa troca e, por isso, ela não abre nova troca. O que o jornalista busca, agora de forma mais direta, é questionar a aceitação de Alckmin por integrantes do PT ou por apoiadores de Lula. No próximo subitem, serão abordadas as características das perguntas que, como essa, não iniciam trocas.

#### 4.2 Perguntas que não iniciam trocas

Os demais turnos em que os entrevistadores fazem perguntas não iniciam trocas. Em todos esses turnos, os entrevistadores retomam (reformulam) o turno que abre a troca, evidenciando que a resposta dada pelo entrevistado não é satisfatória e mantendo um pressuposto que, no contexto da disputa eleitoral, é desfavorável ao candidato. Na entrevista, a troca em que esse procedimento foi mais explorado por um dos entrevistadores é a que se inicia com o turno abaixo, cujo tópico passa de alianças políticas (“então pronto\ é de política e de alianças que nós vamos falar agora\”) para “escândalos de corrupção”:

- (05) [Renata Vasconcellos] então pronto\ é de política e de alianças que nós vamos falar agora\ o senhor tem dito que o centrão se formou lá atrás na constituinte e que participou da base de todos os governos\ do de Fernando Henrique Cardoso do seu de Dilma de Temer e agora de Jair Bolsonaro\ só que o relacionamento de governos do PT com o congresso resultou em escândalos de corrupção como o mensalão por exemplo\ como evitar que isso aconteça novamente/

Ao longo da troca, a jornalista reformula essa pergunta seis vezes, como recurso para evidenciar que as respostas sucessivamente dadas pelo candidato não a satisfazem, criando, com isso, um efeito de tensão, antagonismo e maior diretude (impolidez) na interação (CUNHA, 2019). A seguir, reproduzimos, na ordem em que foram produzidos, os turnos em que a jornalista reformula sua pergunta inicial:

- (06) [Renata Vasconcellos]: mas como evitar escândalos de corrupção como o que houve/
- (07) [Renata Vasconcellos]: o senhor falou em orçamento secreto e a gente falou também em corrupção que não tem como se comparar por que não existem níveis/
- (08) [Renata Vasconcellos]: exato\ não existem níveis de corrupção não é/ corrupção é corrupção\ mas o senhor mencionou o orçamento secreto\

como negociar então com o centrão sem moedas de troca como essa do orçamento secreto que o senhor critica tanto/

(09) [Renata Vasconcellos]: mas o senhor acha mesmo que vai conseguir/

(10) [Renata Vasconcellos]: mas o senhor acredita mesmo sobre o orçamento secreto que o senhor vai conseguir convencer o congresso a abrir mão de um mecanismo que dá tanto poder aos parlamentares/

(11) [Renata Vasconcellos]: como/

Em todos os turnos, as perguntas mantêm o pressuposto, expresso no primeiro turno da troca, segundo o qual “o relacionamento de governos do PT com o Congresso resultou em escândalos de corrupção\”. Na primeira reformulação da pergunta inicial (excerto (6)), a jornalista chega mesmo a explicitar o pressuposto no trecho sublinhado: “mas como evitar escândalos de corrupção como o que houve/”.

E na elaboração dos turnos, a jornalista se vale de diferentes recursos gramaticais para evidenciar que, para ela, as respostas do candidato não esclarecem a contento como ele pretende evitar escândalos de corrupção. Um desses recursos é iniciar o turno com o conector *mas*, sinalizando uma relação de contra-argumento entre a nova formulação da pergunta e o que disse o candidato (CUNHA, 2017). É o que ocorre nos excertos (6), (9) e (10). Esse mesmo recurso é usado no excerto (8), mas nesse a jornalista, primeiro, recupera, em segmento de discurso reportado, a fala do candidato (“exato\ não existem níveis de corrupção não é/ corrupção é corrupção\”), para, em seguida, estabelecer a relação de contra-argumento, contrapondo-se a ele (“mas o senhor mencionou o orçamento secreto\ como negociar então com o centrão sem moedas de troca como essa do orçamento secreto que o senhor critica tanto/”).

Outro recurso usado pela jornalista para evidenciar que, de seu ponto de vista, as respostas do entrevistado não são suficientemente esclarecedoras é a repetição, em diferentes perguntas, do advérbio interrogativo “como” (excertos (6), (8), (11)). Com essa repetição, a jornalista reitera sua percepção, comunicando-a ao espectador, de que o candidato não está informando os procedimentos que pretende tomar para evitar escândalos de corrupção.

Na elaboração dos turnos, ela também se vale de recursos para evidenciar sua percepção de que o candidato sabe que não podem ser realizadas as medidas por ele apresentadas para fazer com que parte dos deputados do Congresso Nacional (o chamado centrão) abra mão do orçamento secreto<sup>6</sup>. Em outros termos, a jornalista se vale de recursos para

<sup>6</sup> “O orçamento secreto é como ficaram conhecidas as emendas de relator, identificadas também como RP9. É uma ferramenta que permite que parlamentares façam o requerimento de verba da

tentar levar o candidato a revelar qual seria de fato seu domínio epistêmico (aquilo em que ele realmente acha ou acredita). O principal desses recursos é a construção “mas o senhor acha/acredita mesmo que vai conseguir X/”, usada nos excertos (9) e (10). Nessa construção, a combinação do conector *mas*, de verbo evidencial (*achar/acreditar*), do advérbio *mesmo* e do objeto do verbo evidencial (“vai conseguir X”) permite à jornalista mostrar que duvida fortemente da resposta dada pelo candidato e que este estaria escondendo parte das informações de seu território epistêmico e, portanto, infringindo uma máxima conversacional, como a da qualidade (GRICE, 1975).

Nesse sentido, esses recursos permitem à jornalista reivindicar uma primazia epistêmica em relação ao candidato sobre o tópico abordado, ainda que, em princípio, o conhecimento sobre como o candidato pretende agir para evitar escândalos de corrupção pertença ao domínio epistêmico dele. Isso porque o uso reiterado e combinado dos recursos mencionados leva a crer, por implicatura, que a jornalista sabe o que o candidato não quer revelar.

Embora neste trabalho não seja focalizada a relação entre dimensão epistêmica e dimensão dramatúrgica, verifica-se que o modo como os conhecimentos são negociados (dimensão epistêmica) articula-se fortemente ao modo como os interlocutores representam quem são uns para outros ao longo da interação (dimensão dramatúrgica) (cf. HERITAGE; RAYMOND, 2005; CUNHA; OLIVEIRA, 2020). Afinal, a manutenção pelos entrevistadores de pressupostos desfavoráveis ao entrevistado, bem como o uso reiterado de recursos para desacreditar sua fala são prejudiciais para a imagem de um candidato a um cargo público. Ao mesmo tempo, a realização desses mesmos procedimentos pelos entrevistadores lhes permite reivindicar junto aos espectadores imagens de jornalistas combativos (CLAYMAN; HERITAGE, 2009), que não fogem à tarefa de atuar no interesse da população ou do eleitorado.

As análises de todas as perguntas constantes da entrevista concedida pelo então candidato à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal Nacional, revelaram, assim, que há dois grandes conjuntos de perguntas: as que iniciam novas trocas e as que, no interior de uma troca, contribuem para seu desenvolvimento. Quando iniciam trocas, os turnos em que ocorrem permitem ao locutor realizar três ações. Primeiro, ele apresenta o tópico da pergunta; em seguida, traz informações sobre esse tópico,

---

União sem detalhes como identificação ou mesmo destinação dos recursos. Criado em 2019, no Projeto de Lei do Congresso Nacional número 51, o mecanismo ajuda o presidente a negociar com as bancadas do Congresso Nacional em busca de apoio político.” (Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/saiba-o-que-e-e-como-funciona-o-orcamento-secreto/#:~:text=O%20or%C3%A7amento%20secreto%20%C3%A9%20como%20ficaram%20conhecidas%20as,detalhes%20como%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20ou%20mesmo%20destina%C3%A7%C3%A3o%20dos%20recursos>. Acesso em: 11 jan. 2023.)

evidenciando que essas informações fazem parte de seu domínio epistêmico; por fim, faz a pergunta, que surge como uma consequência das informações previamente apresentadas.

Já as perguntas que contribuem para o desenvolvimento de uma troca permitem ao locutor retomar (reformular) o turno que abre a troca, revelando sua compreensão de que a resposta dada pelo entrevistado não é satisfatória e mantendo um pressuposto que, no contexto da disputa eleitoral, é desfavorável ao candidato.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos realizar um estudo das perguntas formuladas em uma entrevista com presidenciável, a saber, a entrevista concedida pelo então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal Nacional, no primeiro turno da campanha eleitoral de 2022. Nesse estudo, constatou-se que os jornalistas realizam dois tipos de perguntas: as que iniciam trocas e as que não iniciam trocas.

As que iniciam trocas apresentam uma complexidade elevada, em razão do fato de que, nos turnos em que ocorrem, a completude pragmática se alcança por etapas, como explicação do tópico, desenvolvimento do tópico e, finalmente, realização da pergunta. Verificou-se ainda que, nessas perguntas, os jornalistas se valem do recurso de prefaciar a pergunta com informações desfavoráveis ao candidato, as quais constituem o pressuposto (ou o fundamento pressuposicional (CLAYMAN; HERITAGE, 2009)) da pergunta.

Já as perguntas que não iniciam trocas constituem reformulações da pergunta inicial, aquela com que o jornalista iniciou a troca. Embora os turnos em que essas perguntas ocorrem sejam estruturalmente menos complexos do que os que iniciam trocas, eles se caracterizam por apresentar uma concentração elevada de recursos verbais (conectores, advérbios, segmentos de discurso reportado, verbos evidenciais, etc.) com que o jornalista assume uma postura confrontacional ou antagônica em relação ao entrevistado e reivindica uma primazia epistêmica em relação a este. O efeito de tensão que provocam essas perguntas, levando a entrevista a se assemelhar a um interrogatório (ROULET, 1999), dada a relação de poderes vertical que se estabelece entre entrevistador e entrevistado, pode ser o responsável por fazer com que as entrevistas com presidenciáveis sejam denominadas pela mídia como “sabatina”, em alusão a uma situação escolar caricatural em que o professor se vale de perguntas para, em tom severo e intransigente, avaliar se o aluno dispõe de conhecimentos que o primeiro já detém.

Como se pode observar, um estudo sobre a pergunta que focalizasse aspectos puramente gramáticas (sintáticos) não captaria as funções que esse recurso exerce no contexto da entrevista com presidenciável. Para isso, foi preciso articular os elementos propriamente estruturais de composição das perguntas com os propósitos comunicativos dos interlocutores, o contexto mais amplo (campanha eleitoral) de que essa interação faz parte, a negociação dos conhecimentos apresentados, a sucessão dos turnos de que a entrevista se compõe, etc. Só assim foi possível revelar de que modo a pergunta constitui um recurso central de que os jornalistas se valem para iniciar e desenvolver a interação e construir, em parceria com o entrevistado, o contexto em que estão inseridos.

É nesse sentido que, como exposto no início deste trabalho, esta pesquisa segue o caminho aberto pelos estudos de Maria Beatriz Nascimento Decat, os quais, como salientado, promovem, com foco na língua portuguesa, uma articulação profícua e original de texto e contexto, de gramática e interação.

## AGRADECIMENTOS

Neste número temático em homenagem à professora Beatriz Decat, este agradecimento constitui uma nota pessoal em que expresso meu reconhecimento e minha profunda gratidão ao papel da Beatriz na minha formação e na minha carreira. Assim que conheci Beatriz, há quase vinte anos, quando, em 2006, iniciei o mestrado em Linguística, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UFMG, surpreendeu-me constatar que ela concretiza uma feliz (e rara!) combinação de profissionalismo, competência, generosidade, gentileza e alegria, combinação que faz com que Beatriz seja não só a pesquisadora admirável que conhecemos, mas também um ser humano especial e uma amiga dedicada.

Agradeço ainda ao CNPq a concessão da bolsa de Produtividade em Pesquisa (processo número 304244/2019-8).



## REFERÊNCIAS

- AUER, P. Projection in interaction and projection in grammar. **Text**, v. 25, n. 1, p. 7-36. 2005.
- BLAS ARROYO, J. L. La función de las preguntas en un discurso agonial: el debate electoral cara a cara. **Discurso & Sociedad**, v. 4, n. 4, 674-705, 2010.
- BOISSAT, D. Questions de classe: question de la mise en scène, question de mise en demeure. In: KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La question**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991, p. 263-294.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CLAYMAN, S. E. Reformulating the Question: a device for answering/not answering questions in news interviews and press conferences. **Text**, v. 13, n. 2, p. 159-188, 1993.
- CLAYMAN, S. E.; HERITAGE, J. Question design as a comparative and historical window into president–press relations. In: HAAKANA, M.; LAAKSO, M.; LINDSTRÖM, J. (eds.) **Talk in Interaction: Comparative Dimensions**. Helsinki: Finnish Literature Society (SKS), 2009, p. 299-315.
- CLAYMAN, S. E.; HERITAGE, J. Question design and press-state relations: the case of U.S. presidential news conferences. In: PORSCHE, Y.; SCHOLZ, R.; SINGH, J. (eds.). **Institutionality: studies of discursive and material (re)ordering**. Basingstone: Palgrave Macmillan, 2022, p. 301-332.
- CUNHA, G. X. O papel dos conectores na co-construção de imagens identitárias: o uso do *mas* em debates eleitorais. **ALFA**, v. 61, p. 599-623, 2017.
- CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. **DELTA**, v. 35, n. 2, p. 1-28, 2019.
- CUNHA, G. X. Para uma caracterização formal e funcional da troca subordinada de clarificação. **DIACRITICA**, v. 35, p. 207-228, 2021.
- CUNHA, G. X.; DECAT, M. B. N. Por uma caracterização dos constituintes textuais desgarrados como comentários parentéticos à luz de uma perspectiva modular da organização do discurso. **ALFA**, v. 65, p. 1-26, 2021.
- CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. **ESTUDOS DA LÍNGUA(GEM)**, v. 18, p. 135-162, 2020.
- DECAT, M. B. N. Funcionalismo e Gramática. In: DUARTE, L. P. (org.). **Para Sempre Em Mim** - Homenagem à Profª Ângela Vaz Leão. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 1999, p. 213-220.
- DECAT, M. B. N. A relevância da investigação dos processos lingüísticos, numa abordagem funcionalista, para os estudos sobre os gêneros textuais. In: ANTÔNIO,

J. D. (org.). **Estudos descritivos do português**: história, uso e variação. São Paulo: Claraluz, 2008, p. 169-191.

DECAT, M. B. N. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: MARINHO, J. H. C.; SARAIVA, M. E. F. (orgs.). **Estudos da língua em uso**: da gramática ao texto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 231-262.

DECAT, M. B. N. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas: Pontes editores, 2011.

DECAT, M. B. N. Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso. **Linguística**, v. 8, p. 229-247, 2012.

DECAT, M. B. N. A articulação de cláusulas na retextualização da fala para a escrita. **GUAVIRA LETRAS**, v. 15, n. 31, p. 49-60, 2019.

DREW, P. Epistemics in social interaction. **Discourse studies**, v. 20, n. 1, p. 163-187, 2018.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. A semântica das perguntas em português brasileiro: uma proposta sistêmico-funcional. **Revista do GEL**, v. 18, n. 2, p. 35-65, 2021.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Editora Unicamp, 2006, p. 133-166.

FILLIETTAZ, L. **Interactions verbales et recherche em éducation**: principes, méthodes et outils d'analyse. Genebra : Université de Genève, Section des sciences de l'éducation, 2018.

FORD, C. E.; FOX, B. A.; THOMPSON, S. A. Practices in the construction of turns: the "TCU" revisited. **Pragmatics**, v. 6, n. 3, p. 427-454, 1996.

FOX, B. A.; THOMPSON, S. A. FORD, C. E.; COUPER-KUHLEN, E. Conversation Analysis and Linguistics. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (eds.). **The Handbook of Conversation Analysis**. Oxford: Blackwell Publishing, 2013, p. 726-740.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 2018[1967].

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (org.). **Syntax and semantics**. Speech acts. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

HERITAGE, J. Epistemics in action: action formation and territories of knowledge. **Research on language and social interaction**, v. 45, n. 1, p. 1-29, 2012.

HERITAGE, J. Action formation and its epistemic (and other) backgrounds. **Discourse studies**, v. 15, n. 5, p. 551-578, 2013.

HERITAGE, J.; RAYMOND, G. The terms of agreement: indexing epistemic authority and subordination in talk-in-interaction. **Social Psychology Quarterly**, v. 68, n. 1, p. 15-38, 2005.

HOPPER, P. Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In: TANNEN, D. (ed.). **Language in context: connecting observation and understanding**. Norwood: Ablex, 1988, p. 117-134.

JACQUIN, J. A contrastive corpus study of a semantically neutral French evidential marker: tu dis/vous dites [P] [you say [P]] and its relationship with agreement and disagreement. **Journal of Pragmatics**, v. 199, p. 75-90, 2022.

JUBRAN, C. C. A. S. Metadiscorso em entrevista televisiva: um enfoque interacional. **Scripta**, v. 4, n. 7, p. 96-109, 2000.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (ed.) **La question**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991.

KONRAD, P. G.; OSTERMANN, A. C. "Tu sabe? Te lembra?": o resguardo de informações em interrogatórios policiais por meio da (com)posição de perguntas e respostas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 20, n. 1, p. 73-95, 2020.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-32.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MONZONI, C. M. Introducing direct complaints through questions: the interactional achievement of 'pre-sequences'? **Discourse Studies**, v. 10, n. 1, p. 73-87, 2008.

OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. A. (eds.) **Interaction and grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ROULET, E. **La description de l'organisation du discours**. Du dialogue au texte. Paris, Didier, 1999.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Peter Lang, 2001.

SANTOS, J. C. L. 2017. 203f. **O par pergunta-resposta como estratégia de articulação tópica: uma análise funcional**. Tese (Doutorado em Linguística) –

Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SCHEGLOFF, E. A. **Sequence organization in interaction**: a primer in Conversation Analysis I. Cambridge: Cambridge University Press; 2007.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, v. 50, p. 696-735, 1974.

SELTING, M. On the interplay of syntax and prosody in the constitution of turn-constructional units and turns in conversation. **Pragmatics**, v. 6, n. 3, p. 371-388, 1996.

SILVA, L. A. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, D. (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 179-204.

URBANO, H.; FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do Português Falado**: as abordagens. Campinas: Editora Campinas, 1993, p. 75-97.

CUNHA, GUSTAVO XIMENES. A  
PERGUNTA NO GÊNERO  
ENTREVISTA COM  
PRESIDENCIÁVEL: ARTICULANDO  
GRAMÁTICA, TEXTO E CONTEXTO.  
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13 N. 1,  
E25S0, P. 97-122, JAN.-ABR./2023. DOI:  
10.22168/2237-6321125S0